Capítulo 5: Os Vizinhos Sabem Meu Nome

Sei como tudo isso está começando a soar: conselhos de namoro de um daqueles caras de curso de conquista. Quero deixar claro que não é o caso. Esta é a única vez em que vou dar minha opinião sobre o assunto de conhecer ou "passar cantada" em mulheres. Atribuo qualquer aparência de sucesso ao fato de eu estar muito à vontade na minha própria pele.

O único conselho que quero dar neste livro é este:

HOMENS, vocês precisam consertar VOCÊ antes que possa existir um VOCÊ + 1.

Se você está lendo por interesse nesse assunto, tenho certeza de que há muitos outros livros por aí para você.

Hesitei em incluir esta parte da minha vida neste livro, mas eu sou bipolar. Sei que você está pensando: o que isso tem a ver com qualquer coisa? Acho que menti duas vezes. A introdução dizia que isto era só um monte de histórias aleatórias de encontros. Mas o que percebi é que o livro é mais sobre eu expressar a minha vida de um jeito bem-humorado. Quem não gosta de uma comédia romântica?

Ser bipolar afeta o namoro? Em uma palavra: SIM. Mas também depende da sua definição de atrapalhar e de namoro. A terminologia do namoro brasileiro precisaria de um livro inteiro para ser explicada. Vou passar por cima desse elefante enorme no meio da sala e focar nas maneiras como isso me atrapalha [Vincent].

A mais óbvia é quando há episódios depressivos graves. Há épocas em que durmo vários dias seguidos, acordando só para resolver um pouco de burocracia da vida antes de dormir de novo. Surpreendentemente, as mulheres com quem você está "saindo" não gostam de você sumir por qualquer período de tempo. Tenho certeza de que não preciso explicar isso para ninguém que seja casado.

Além disso, ser bipolar não é algo que as pessoas costumam colocar no perfil de namoro. Mas eu posto sobre isso com frequência. Até já tive isso na bio do Instagram por um tempo. Talvez não seja uma boa ideia sair falando disso num primeiro encontro também. O tabu desse assunto é tão forte que pode afastar até amigos próximos.

No próximo capítulo vou discutir os incontáveis outros motivos pelos quais isso seria uma enorme RED FLAG no namoro. Mas o importante é que eu trabalho todos os dias para superar essas limitações pessoais na minha própria vida, independente de qualquer outra pessoa.

Meu diagnóstico só veio mais tarde na vida. Eu tinha acabado de terminar meu primeiro relacionamento muito sério, em Los Angeles. Acho que a separação me afetou muito mais do que percebi na época. Comecei o que se chama de escalada para um episódio maníaco: vários dias de comportamento caótico e cada vez mais intenso.

Acabou ficando tão grave que precisei me internar num hospital psiquiátrico. Foi uma experiência extremamente traumática. Não pelos motivos que você imagina. Tenho muitas opiniões fortes sobre saúde mental (é por isso que tenho a tatuagem de borboleta na nuca), mas não vou compartilhá-las aqui. O que posso dizer é que o sistema não foi feito para ajudar. Ele foi montado para quem tem condições de pagar remédios indefinidamente. Também há muito pouca consideração pelos problemas que afetam cada pessoa individualmente.

A essa altura, com certeza já perdi você. Quando foi que isto deixou de ser histórias engraçadas de encontros desastrosos de um gringo desinformado? E você tem razão: de volta à programação normal.

Um dia, num encontro do Carioca Coastal Club, eu estava curtindo muito o SOL (vou usar isso como código para o que, no ramo, chamamos de estar cross-faded). Cross-faded é quando você está chapado e bêbado ao mesmo tempo. É uma dinâmica interessante de sustentar em público. Normalmente acabo pagando mico quando estou assim.

Aquele dia estava tranquilo. Alguns dos habituais apareceram. O que teve de especial naquele dia foi que uma das habituais trouxe uma amiga muito bonita, [M]. Fiquei curioso para conhecer essa pessoa nova. Embora eu não seja particularmente próximo da amiga que a trouxe, considero que somos amigos. Eu não ia dar em cima de [M] e deixar o clima esquisito.

Achei que a cumprimentei normalmente, como sempre. Minha memória está extremamente nebulosa aqui, então encare tudo isto como o relato de uma pessoa cross-faded. Pedi a ela que fosse nossa DJ do dia. Eu escuto quantidades infinitas das minhas próprias músicas, e é bom quando alguém divide as funções de DJ para eu poder relaxar. Ser anfitrião é um trabalho em tempo integral e paga mal. Eu estava extremamente reeeeelaxado naquele dia.

Algumas semanas depois, convidei [M] para sair, depois de confirmar com minha amiga que ela teria interesse. No encontro, [M] me disse que a minha lembrança de como nos conhecemos não era bem como eu pensava. Eu disse: “Ohhhh, eu estava cross-faded naquele dia. Que mico eu paguei?” Eu lembrava de ter caído, mas era uma posição difícil de levantar, sentado na areia. (Nem com todos os meus anos de yoga eu conseguiria fazer isso com facilidade, sóbrio.) Ela me contou que, em algum momento, eu tinha beijado o ombro dela. Ela perguntou à nossa amiga em comum: “...Qual é o problema dele?”

Não consegui deixar de rir de mim mesmo. Lembro vagamente de ter feito isso. Mas achei que tinha sido um selinho rápido. No relato dela, foi um beijo de língua completo, à brasileira, no ombro. Pelo visto a vida no Rio me influenciou demais, a ponto de eu achar normal pegar um ombro.

Nem preciso dizer que fiquei bem constrangido naquele encontro. Curiosamente, descobrimos que somos vizinhos, e agora meus vizinhos me conhecem como o Cara do Beijo no Ombro.